

que são encontradas no Talmude judaico, e discutindo referências dos autores da época, Mead mostra que há uma grande dificuldade para confirmar que Jesus nasceu no ano 1.

Das escrituras judaicas, o **Talmude** é o livro menos divulgado, mas tem importância central para o judaísmo. A Torá judaica foi adotada pelos cristãos, que lhe deram o nome de “Antigo Testamento”. O Talmude permaneceu sendo uma obra exclusivamente hebraica.

Durante muitos séculos, o Talmude – assim como os Vedas indianos e as obras gregas clássicas – foi um conjunto de histórias transmitidas oralmente. Ele só foi colocado no papel em torno dos séculos 1 ou 2 “era cristã”. Entre os motivos pelos quais essa escritura sagrada despertou ódio e provocou a perseguição da igreja romana contra os judeus está o fato de que os trechos do Talmude que abordam Jesus não o vêem necessariamente como um grande iluminado, e sim como um ser humano comum que aprendeu magia no Egito.

Tais narrativas fazem quase uma caricatura do Jesus deificado do Novo Testamento. Elas ficam muito longe de respeitar as crenças e dogmas do cristianismo, no sentido de que Jesus seja filho **biológico** de Deus; ou seu filho **único**; ou de que Jesus era Deus e Homem ao mesmo tempo. Para a religião judaica, tais idéias eram graves blasfêmias. Dizer isso era usar o santo nome de Deus em vão. Nem o próprio Moisés é considerado mais que um homem, e dele não se afirma que seja um **filho biológico de Deus**. Mas o cristianismo que surgiu em Roma não estava preparado para aceitar desafios intelectuais, nem para conviver com argumentos contrários a seus dogmas. Usando como pretexto o fato de que uma parte dos judeus ortodoxos havia sido doutrinariamente radical contra os “judeus hereges” (os primeiros cristãos) – a Roma cristã passou a perseguir o povo judeu inteiro, muito mais do que a Roma pré-cristã havia feito. Nisso, esqueceu que o cristianismo era originalmente uma seita judaica, assim como eram judeus o próprio Jesus e seus apóstolos.

O predomínio cristão sobre o mundo ocidental inaugurou a Idade Média, e trouxe o final da era da livre discussão intelectual. Desapareceram as escolas filosóficas de Alexandria e de todo o amplo mundo romano, que era culturalmente helênico e estava preparado para o debate intelectual e a contradição filosófica. Livros e documentos foram queimados em quantidades impressionantes.

É por isso que os Manuscritos do Mar Morto e a Biblioteca de Nag Hammadí estavam escondidos em jarros guardados em grutas e cavernas: para escapar à perseguição dos que queriam impor a monocultura religiosa do Vaticano. E é por isso, também, que os manuscritos do Mar Morto e a biblioteca de Nag Hammadí ampliam poderosamente o horizonte atual das pesquisas sobre os essênios, sobre os gnósticos e a origem do cristianismo, e mostram ainda mais claramente a relação do cristianismo original com o mundo helênico.

Esse horizonte amplo foi artificialmente eliminado e toda uma imensa riqueza cultural destruída. A eliminação pelo fogo da biblioteca de Alexandria foi apenas um momento mais radical desse processo. A verdadeira origem do cristianismo é mostrada de modo fascinante na obra “Ísis Sem Véu”, de H. P. Blavatsky.

Apesar de tudo, a tradição mística se manteve viva ao longo da história do cristianismo, e conseguiu sobreviver às perseguições da era medieval e pós-medieval. São Francisco de Assis, São João da Cruz, Tomás de Kempis, Nicolau de Cusa, Teresa Dávila, o autor anônimo de “A Nuvem do Desconhecido” e – do século 20 para cá – Teilhard de Chardin, Anthony de Mello e Leonardo Boff são alguns nomes entre **centenas** de luzes não-

dogmáticas que se sucederam umas às outras. Tais indivíduos preservaram e realimentaram pelo menos parte da sabedoria cristã original, que no seu berço havia sido fortemente influenciada pelo budismo, conforme destaca Helena Blavatsky em “Ísis Sem Véu”.

NOTA:

[1] “Did Jesus Live 100 B.C.?” , Kessinger Publishing Co., Montana, USA, 442 pp. A primeira edição da obra foi publicada em Londres em 1903.

Diálogo Sobre o Sono, o Sonho e a Inspiração

A Arte de Aprender Dormindo

Estudante A:

Há algum tempo, venho estudando com regularidade a teosofia clássica de H. P. Blavatsky. Mais recentemente, começaram a surgir idéias inspiradoras em minha mente no momento em que estou acordando. Outras vezes, isso acontece quando estou para adormecer. Compreensões, percepções, e até frases inteiras vêm à minha mente. Algumas delas são respostas para perguntas. Outras são maneiras de entender e de explicar questões relacionadas à vida, ao ser. São idéias sobre situações abstratas. Em geral, porém, não consigo fixá-las na memória. Você tem idéia sobre como, ou por que motivo, ocorre isso?

Estudante B:

O estudo calmo e profundo de teosofia, feito com regularidade, não muda só a qualidade de vida em estado de vigília. Ele transforma também a qualidade e a substância do sono e dos sonhos do estudante.

Cedo ou tarde, o aluno começará a ter acesso a ensinamentos “essenciais”, em dimensões sutis, enquanto seu corpo está adormecido. A expansão de consciência durante o estudo em estado de vigília permite alcançar novos níveis de libertação enquanto o corpo está adormecido.

Na verdade, o aprendizado do eu superior inclui planos da realidade que só se pode vivenciar quando o “eu” está fora do corpo. O resultado deste aprendizado sutil “desce” como um orvalho sobre o cérebro físico, quando este desperta; mas o faz com tamanha suavidade que não é fácil registrá-lo em palavras, nem lembrar dele com precisão.

É verdade que, depois de vários anos de estudo de teosofia, esta dificuldade tende a diminuir pouco a pouco. Porém, mesmo quando o cérebro físico capta alguma coisa do processo, ele só consegue trazer uma “fatia” estreita e limitada do que realmente ocorreu em níveis mais sutis. Felizmente, nada se perde do ensinamento ou das vivências “fora do corpo”. O que se aprendeu no plano sutil vai inspirando “por osmose” a vida do indivíduo em vigília, à medida que ele avança no estudo e na reflexão da filosofia teosófica. A vida em vigília passa a ter uma relação renovada com a vida durante o sono e o sonho. A aprendizagem espiritual abrange então as 24 horas do dia. Mais cedo ou mais tarde, todo estudante dedicado desperta para este processo.

Estudante A:

O aprendizado ocorre de modo individual e isolado, ou o aprendiz pode receber ajuda?

Estudante B:

Nenhum estudante sério de teosofia está interiormente isolado ou esquecido. Ao mesmo tempo, a ajuda sutil a receber depende do seu discernimento, do seu esforço, e do seu mérito. Ele deve ajudar para ser ajudado. E não será ajudado “por alguém”, mas sim pela Vida mesma, pela Lei, ainda que seja através de uma ou mais pessoas.

Em “Cartas dos Mahatmas”, vemos uma passagem em que um Raja-Logue dos Himalaias menciona alguns dos meios pelos quais os Mestres se comunicam com seus discípulos leigos e com pessoas de boa vontade .em qualquer lugar do mundo. Entre eles, está a técnica de colocar idéias ou “sementes de idéias” junto à aura do aprendiz, de modo que ele as perceba ao despertar.[1] Mas o mais frequente, quando temos idéias inspiradoras ao despertar, é que elas sejam impressões vindas de processos meditativos ocorridos durante o sono, e que se imprimam por um momento, de modo ainda que tênue, sobre o cérebro físico.

No entanto, os Mestres também podem usar este sistema de comunicação. Existem “discípulos leigos inconscientes”. Mesmo sem ter uma clara consciência cerebral deste fato, estes aprendizes “inconscientes” participam da corrente “astral” de consciência coletiva altruísta, anônima e planetária dos Mestres e seus Discípulos. Eles tomam parte desta corrente sutil de “boa vontade planetária” enquanto seus corpos estão adormecidos. Eles fazem isso com plena autonomia e livre arbítrio, mas, por diversos motivos, que dependem das circunstâncias e do seu carma individual, ao acordar não lembram do processo em seu cérebro físico.

Assim, a consciência cerebral dos vários tipos de vivência espiritual durante o sono ocorre apenas em uma pequena parcela dos casos. Há um grande número de razões para que estes fatos sutis raramente sejam captados pelos mecanismos mais conhecidos do cérebro físico.

Estudante A:

Quais são as razões?

Estudante B:

Um dos motivos é que o nível comum do cérebro só consegue registrar informações de modo visual ou verbal. Ocorre que tanto o que é visual (imagem) como o que é verbal (som) dependem dos cinco sentidos, mesmo que a imagem e o som sejam subjetivos. Estes são processos que têm uma relação estreita com o hemisfério cerebral esquerdo; porém, os ensinamentos e as vivências realmente espirituais estão acima de todo som, toda palavra e toda imagem, e ocorrem sobretudo no hemisfério cerebral direito.

Quando o aprendiz consegue colocar em palavras algo da inspiração recebida durante o sono-sonho, ele é consciente de que, ao registrar no papel, ele deixa de fora a maior parte do que foi essencialmente captado ou “percebido” por ele ao acordar. A diferença entre o relato ou memória e a percepção em si mesma é como a diferença entre olhar diretamente o nascer do sol, pela manhã cedo, ou ver uma descrição escrita e detalhada do nascer do sol, no jornal do dia seguinte. A descrição e a memória podem ser úteis, sem dúvida: mas serão sempre um

pálido reflexo do fato que tentam registrar. Por isso, o mais importante, para alguns, é capturar a “sensação espiritual” e não tanto transformar aquela percepção complexa em palavras precisas. A “sensação” sintetiza tudo. Para outros, porém, o mais eficiente é dormir com papel e caneta ao alcance da mão, na mesa de cabeceira, e tomar nota das idéias que surgem quando sua consciência está na fronteira entre o sono e a vigília. Cada um deve experimentar e descobrir o que é mais eficiente em seu caso. Em algumas situações, as imagens e “lições” podem “acordar” o estudante no meio da noite, como se algo nele soubesse que elas devem ser anotadas. Vários tipos de idéias, decisões e percepções podem surgir deste modo. O motivo é simples: o estudo calmo e regular da teosofia clássica amplia no aprendiz o contato entre os estados de consciência do sono, do sonho e da vigília. As “paredes divisórias” entre a vigília e o sonho se tornam mais finas. Por isso Damodar Mavalankar e William Judge escreveram sobre processos de meditação integral, que ocorrem ao longo das 24 horas do dia. São os mais eficazes.

NOTA:

[1] “Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett”, Ed. Teosófica, Brasília, volume I, Carta 5, página 60. A expressão usada pelo Mahatma é “impressões ao despertar”.

A Vontade Criativa

O Trabalho dos Irmãos Mais Velhos da Humanidade

Robert Crosbie

É impossível compreender ou explicar a natureza de qualquer ser exceto através da Evolução, que é sempre um desenvolvimento de dentro para fora, isto é, a expressão do espírito ou da consciência através da inteligência adquirida. A vontade do espírito produziu tudo o que existe.

Se nós entendermos que a vontade inteligente está na base de tudo o que existe, que ela é a causa de tudo o que ocorre e é a Criadora no Universo, talvez possamos ter uma idéia do que é necessário saber para usar adequadamente as nossas energias.

Nós todos existimos como criadores no meio das nossas criações. Há criadores abaixo de nós na escala da inteligência. Estamos em outro lugar, com uma visão mais ampla, um fundo maior de experiência adquirida; assim, podemos ver que abaixo de nós, infinitamente abaixo de nós, há seres tão pequenos que muitos deles poderiam ser reunidos na ponta de uma agulha. No entanto, os cientistas, depois de examiná-los de muitos modos, não podem negar que estes organismos infinitesimais possuem uma certa inteligência, uma capacidade de procurar o que gostam e de evitar o que não gostam. A partir do menor ponto de percepção e ação que se possa conceber, há um campo sempre crescente de expressão, de evolução, um desenvolvimento cada vez maior na direção de uma escala mais ampla de existência. Esta evolução da inteligência, ou alma, ocorre muito lentamente nos reinos inferiores, ganha mais rapidez no reino animal, e no homem ela atinge aquele estágio em que o próprio ser sabe que existe, sabe que é consciente, sabe que pode entender até certo ponto sua própria natureza e a natureza dos seres abaixo dele, e ver as relações deles entre si.

O homem atingiu agora um ponto em que começa a se perguntar o que mais existe que ele possa conhecer. Ele deixou de pensar exclusivamente nas coisas materiais; ele está percebendo sua própria natureza, e pergunta: “o que sou eu, de onde venho e para onde vou?”

Se temos estas idéias, podemos perceber que deve ter havido no passado alguns seres humanos que se fizeram estas mesmas perguntas que estamos fazendo, e que deram os passos necessários para chegarem a um nível mais elevado de experiência do que aquele em que estamos agora. São estes mesmos seres, agora mais elevados que nós, que formam uma camada de consciência, de conhecimento e de poder, que nós não temos –; homens que passaram pelos estágios em que estamos agora. São eles que de tempos em tempos vêm a este mundo como Salvadores.

Se somos cristãos, olhamos para o advento de um destes Seres, no passado, e pensamos que Ele é único. No entanto ele veio, em Seu tempo, apenas para uma pequena nação; ele mesmo disse que veio apenas para os judeus. Por acaso não sabemos que todas as civilizações e todas as tribos que existiram em qualquer tempo sempre tiveram registros similares sobre algum grande Personagem que surgiu entre eles?

Em todas as religiões há o registro e a tradição de algum grande Personagem. E nós descobrimos um fato assombroso ao estudar as escrituras e os ensinamentos de outras épocas: todos estes grandes Professores ensinaram as mesmas doutrinas. Não há diferença entre os ensinamentos de Jesus e os ensinamentos de Buddha, embora estejam registrados em línguas diferentes e um período de tempo de seiscentos anos tenha separado os dois grandes Professores. E este fato também ocorre em relação a todos os outros numerosos Salvadores de diferentes épocas e povos –; todos eles ensinaram as mesmas idéias fundamentais.

Este fato sugere que há um conjunto de Homens, de seres humanos aperfeiçoados, que resultaram de evoluções e civilizações passadas; nossos Irmãos Mais Velhos, na verdade, que adquiriram e são os Guardiães do conhecimento e da experiência obtidos ao longo de longas eras. O conhecimento que eles têm é de fato a própria Ciência da Vida, porque inclui cada departamento da existência, da natureza. Eles conhecem a realidade e os processos dos seres abaixo do homem e acima do homem assim como nós conhecemos os processos da vida comum da experiência diária. Eles registraram e preservaram este conhecimento, e lembram dele do mesmo modo como nós lembramos das experiências e acontecimentos do dia de ontem.

Eles não ampliaram o seu poder de saber. Cada um de nós tem o mesmo poder de saber que eles possuem. Mas eles ampliaram as funções dos instrumentos que possuem. Eles melhoraram o que possuem. Eles têm cérebros melhores. Têm corpos físicos melhores. Como os adquiriram? Fizeram isso através do cumprimento de cada dever colocado diante deles, fossem quais fossem as consequências para eles próprios. Não pensavam em adquirir poder e conhecimento para si mesmos; pensavam apenas em obter poder para beneficiar todos os seres vivos. Ao fazer isso, abriam as portas do poder do Espírito interior.

Nós fazemos exatamente o oposto. Contraímos o poder divino do Espírito e o colocamos dentro de buracos do tamanho de cabeças de alfinete, feitos de desejos pessoais e egoísmo. Não vemos isso? Não vemos que nós próprios impedimos o uso do poder dentro de nós, porque nossas idéias são egoístas, pequenas, mesquinhas?

O grande trabalho da evolução ocorre de dentro para fora. A Alma é o Observador; ela olha diretamente para as coisas. A ação da vontade flui através das idéias. As idéias dão as direções. Com idéias pequenas, a força é pouca; com grandes idéias, a força é grande; a Força em si mesma é ilimitada, porque é a força do Espírito, infinita e inesgotável. O que nos falta são idéias universais. Necessitamos despertar em nós mesmos o poder de percepção que irá abrir diante de nós todo o campo do ser. Uma corrente não pode erguer-se acima da sua fonte.

A natureza do homem nunca pode ser compreendida, nem sequer parcialmente, através das idéias e dos métodos que os psicólogos e cientistas modernos, e as religiões populares, têm seguido. Todos eles operam a partir da vida física, e muitos deles acreditam que haja uma vida apenas. Eles registram e classificam muitos tipos de experiências, sem qualquer base firme sobre a qual colocar o seu pensamento, a sua razão, e assim nunca chegam a qualquer conclusão definida ou conhecimento real sobre o que é o ser humano, ou sobre os poderes que o ser humano pode ter. Este é o uso que eles fazem do poder criativo, mas é um uso limitado, é um mau uso. Aqueles que seguem este caminho normalmente têm algum propósito egoísta na base do seu desejo; há alguma coisa ou alguma vantagem que desejam alcançar para si mesmos. Este não é o caminho correto.

A teosofia afirma que se o desejo e a aspiração forem inegoístas, nobres, universais, então a força que flui através do indivíduo será grande, nobre e universal em seu caráter. Afirma também que cada ser humano possui em si mesmo os mesmos elementos e as mesmas possibilidades que qualquer outro, inclusive os seres mais nobres e mais elevados neste sistema solar ou em qualquer outro. Isso coloca o ser humano em uma posição muito diferente de onde ele é colocado pelas nossas religiões, nossa ciência, ou nossa filosofia ocidental.[1] Todas elas tratam o homem como se ele fosse seu corpo ou sua mente, como se ele fosse a criatura, e não o criador.

O corpo muda; nós mudamos as nossas mentes; mas há Alguma Coisa em nós que não muda, que não depende de mudanças, sejam mudanças do corpo, da mente ou das circunstâncias; este Algo é o criador, o governante, o vivenciador de todas as mudanças de qualquer tipo. É esta parte da nossa natureza – o real Ser Humano dentro de nós – que devemos conhecer em sua essência. Se pudermos atingir um ponto de percepção que nos permita captar o fato que é a presença do Espírito dentro de nós, teremos alcançado um ponto em que é possível um conhecimento de nós mesmos; e se tivermos um conhecimento de nós mesmos, então teremos, através dele, um conhecimento de todos os outros seres.

Os grandes Professores destacam o fato de que a base real da natureza humana é a Divindade, o Espírito, Deus. A Divindade não é algum outro ser, por maior que seja. Não é algo externo. Ela é o que há de mais elevado em nós mesmos e em todos os outros. Isso é o Deus, e tudo o que qualquer homem sabe deste Espírito é o que conhece em si mesmo, de si mesmo, e através de si mesmo. Esta é a idéia que todos os antigos expressam ao dizer que há apenas um Ser, e que devemos ver o Ser em todas as coisas e todas as coisas no Ser. Isto é o que todos nós fazemos até certo ponto; nós vemos o Ser, mais ou menos. Nada é visto fora de nós; tudo o que nós vemos ou sabemos está dentro de nós. Mas nós pensamos no Ser em nós como algo mortal, perecível, como se ele não tivesse existência fora deste corpo e desta mente, e como se ele fosse algo separado de todas as outras formas do Ser.

Se tivéssemos dentro de nós e como nosso alicerce todo o poder que existe no universo, e não tivéssemos um canal pelo qual aquela energia pudesse fluir – ou tivéssemos apenas um canal

estreito, torcido e distorcido – aquele grande Poder não seria útil para nós. Seria como se não existisse. Para abrir o canal é preciso entender a base real: o Deus interior, imortal e eterno, a Fonte de todo ser, os nossos verdadeiros seres; e em segundo lugar, entender que toda ação procede daquela Fonte e Centro do nosso ser e de todos os seres.

Quem é, então, o construtor de tudo? Como foi provocada toda esta evolução? Todos os seres envolvidos nela fazem tanto o mundo como os seus habitantes. Tudo o que existe é auto-produzido, auto-evoluído –; a criação dos seres espirituais atua em cada um, sobre cada um, através de todos eles, reciprocamente. A força inteira da evolução, e todo o poder que está por trás dela, é a vontade humana, no que diz respeito à humanidade. Nós não compreendemos que toda forma ocupada por qualquer ser é composta de Vidas, cada uma delas passando por uma evolução própria, ajudada, impelida ou dificultada pela força da forma mais elevada de consciência que a gerou. Porque este universo é Consciência ou Espírito *corporificados*. E assim como uma só gota de água contém dentro de si todos os elementos e características do oceano inteiro, assim também cada ser, por mais baixo que seja o seu grau de inteligência, contém dentro de si a potencialidade e a possibilidade daquilo que é de suprema elevação. A vontade do Espírito em ação produziu tudo.

A grande mensagem da teosofia tem dado a cada buscador interessado o meio pelo qual ele pode conhecer a verdade sobre si mesmo e sobre a natureza. Assim como os Irmãos Mais Velhos ajudaram no passado, eles têm ajudado no presente. Tudo o que a humanidade necessita foi dado a nós. Mas como você consegue transmitir a alguém aquilo que ele não quer? Como você consegue fazer com que entre na mente de alguém o que a mente não deseja receber?

É preciso que haja uma mente aberta, um coração puro, um intelecto ardente, uma clara percepção espiritual, antes que haja qualquer esperança para nós. Enquanto nós estivermos centrados em nós mesmos, enquanto estivermos satisfeitos com o que sabemos e com o que temos, esta grande mensagem não será para nós. Ela é para os famintos, os cansados, para aqueles que estão desejosos de conhecimento, para aqueles que vêem a absoluta escassez daquilo que foi colocado diante deles como conhecimento por parte daqueles que se apresentam como professores. Ela é para aqueles que não encontram uma explicação em parte alguma para os mistérios que nos rodeiam, que não conhecem a si mesmos, que não compreendem a si mesmos. Para eles, há um caminho; para eles há alimento mais do que suficiente; para eles todo este Movimento é mantido vivo por uma única vontade, a vontade dos Irmãos Mais Velhos, que têm mantido preservado estas grandes verdades eternas através de momentos melhores e piores, de modo que a humanidade pudesse ser beneficiada; sem desejar recompensa alguma, sem desejar qualquer reconhecimento, mas desejando apenas que os Seus companheiros de humanidade, Seus irmãos mais jovens, possam conhecer, possam compreender o que Eles sabem.

NOTA:

[1] Robert Crosbie se refere aqui à filosofia ocidental recente. O problema não ocorre com a filosofia ocidental clássica. (NT)

000000000000

O texto acima foi traduzido do livro “The Friendly Philosopher”, de Robert Crosbie, Theosophy Company, Los Angeles, USA, 416 pp., 1945, pp. 268-273. Título original: “The

Creative Will". O pensador Robert Crosbie fundou a Loja Unida de Teosofistas, LUT, em Los Angeles em 18 de fevereiro de 1909.

00000000000000000000000000000000

Perguntas e Comentários Sobre o Caminho Diferentes Graus de Exatidão

Pergunta:

É surpreendente ver que, segundo H.P. Blavatsky e os Raja-Logues dos Himalaias, o intervalo entre duas encarnações varia entre mil e três ou até quatro mil anos, ao contrário do que ensina o espiritismo, que aponta para um intervalo muito menor. Será que um homem do porte de Chico Xavier, por exemplo, poderia ser considerado um impostor?

Comentário:

Em primeiro lugar, é importante lembrarmos que há exceções em relação à norma geral da reencarnação, segundo a qual ela se dá com um intervalo de mil a quatro mil anos. Dois tipos de exceções são, como mencionado em outras ocasiões:

1) As pessoas que morrem crianças e as pessoas que morrem muito jovens terão reencarnação rápida, e reencarnarão em geral com o mesmo eu inferior.

2) As pessoas que conhecem a bem-aventurança durante a vida biológica estarão tendo a substância do devachan e assim reduzem muito o intervalo entre duas vidas. Em geral são indivíduos que dedicaram suas vidas totalmente ao serviço altruísta pela humanidade. Há outros grupos de exceções cuja análise seria demasiado longa. De um modo geral, porém, o intervalo é de 1000 a 4000 anos. Vejamos um exemplo disso. Civilizações inteiras podem renascer sob novas formas, depois de alguns poucos milhares de anos, quando uma parcela dos indivíduos que as habitaram reaparecem na terra, unidos entre si por laços cármicos.

Os diversos enfoques sobre questões como Carma e Reencarnação – e outras questões filosóficas – têm diferentes graus de precisão, exatidão, e popularidade. Os ensinamentos mais populares não são normalmente os mais precisos nem os mais exatos. Isso não significa, necessariamente, que toda alma honesta e de boas intenções têm sempre acesso a um enfoque preciso e científico do caminho espiritual.

Um místico de alma avançada deve trabalhar com os instrumentos conceituais que ele tem à mão. O que tinha à mão, conceitualmente, São Francisco de Assis? Apenas o cristianismo medieval. São Francisco expressou como pôde – dentro daqueles limites culturais e cármicos – a grandeza da alma e a visão de mundo de um indivíduo espiritualmente avançado.

O que havia à mão, conceitual e culturalmente, para São João da Cruz, e para outros místicos cristãos? E para o espírito Francisco Xavier? Cada um deles teve que trabalhar com os conceitos e com as ferramentas culturais e psicológicas que conseguiu reunir, em seu eu inferior. Eles colocaram estes instrumentos limitados a serviço do seu eu superior, no trabalho pelo avanço da humanidade.

Por isso, não se pode esperar de um São Chico, ou de um Chico Xavier, uma aula precisa de filosofia clássica, e tampouco uma explicação sobre os sete princípios da consciência, sobre o Devachan, ou a decodificação e a interpretação esotérica dos mitos gregos antigos.

Por outro lado, as pessoas avançadas que tiveram acesso a uma definição conceitual muito mais precisa do caminho espiritual tiveram outros tipos de limitações em sua linguagem. É o caso de Nicholas de Cusa, Paracelso, ou, no mundo antigo, Platão. Todos eles tiveram que velar em alegorias, mitos, e sugestões vagas estas noções mais precisas. Jesus explica isso no Novo Testamento ao dizer por que motivo usava parábolas, ao falar para o povo. A sabedoria esotérica, quando cai em mãos erradas, causa desastres. Ele deve ser reservada, sempre que possível, para os que possuem ética.

Pergunta:

Neste caso, como fica a obra de H.P. Blavatsky? Até que ponto ela revela de fato, ou apenas sugere as chaves do saber oculto?

Comentário:

A obra de H.P.B., acrescida das Cartas dos Mahatmas, dos escritos de Damodar Mavalankar, de Subba Row, William Judge, Robert Crosbie e alguns outros pensadores, expressa a filosofia esotérica moderna e constitui a mais clara chave existente para a decodificação e a compreensão das ciências, religiões e filosofias antigas e modernas.

Mesmo assim, a obra de H.P.B. também está velada, em parte; e isso ocorre de dois modos. De um lado, há muitas coisas que ela sugere e não diz abertamente, deixando que o leitor intuitivo e perseverante perceba o que está nas entrelinhas, o que ele conseguirá gradualmente. De outro lado, a obra dela está também velada pela aparente “dificuldade” dos seus textos, e por sua aparente imperfeição, que co-existe com uma profundidade e uma beleza sem iguais. O acesso às chaves da teosofia moderna só pode ocorrer através de longos anos de estudo, enquanto uma renúncia às coisas do mundo se desenvolve naturalmente e passo a passo na vida do estudante. É assim que ele amplia sua visão da filosofia e mergulha na compreensão da lei do universo.

Há, pois, duas coisas a considerar, do ponto de vista de precisão epistemológica, isto é, do ponto de vista da precisão do conhecimento.

1) A primeira é que há almas avançadas que trabalham com esquemas conceituais toscos, e isso, pelo lado positivo, lhes permite chegar a mais gente, com uma linguagem mais simples.

2) A segunda é que há outras almas avançadas que trabalham com esquemas conceituais e "binóculos" muito mais precisos, e estas pessoas – Paracelso, HPB, Francis Bacon/William Shakespeare, C. Agrippa, etc. – precisam velar certas afirmações de modo que só almas mais intuitivas e mais determinadas na busca da sabedoria possam alcançá-las pouco a pouco.

Com estas considerações, amplia-se um pouco a visão do processo de cooperação das almas de boa vontade com as inteligências espirituais mais avançadas que guiam, em silêncio, a evolução humana. Uma evolução, diga-se de passagem, que neste momento avança muito bem, apesar dos desafios aparentemente enormes.

O que deve ficar claro é a variabilidade dos graus de precisão na lógica, na percepção da realidade, no uso de conceitos, na lucidez a visão da questão humana, etc., que vamos encontrar em diferentes almas que trabalham pelo bem da humanidade. O indispensável denominador comum, porém, é a ética. Pode haver um alto nível de ética com baixa clareza conceitual, como foi mencionado antes. Isso ocorre por uma questão de contexto cultural em que a alma tem de nascer e trabalhar.

S.T. de Adyar Reelege Radha Burnier Em Uma Eleição Com Graves Irregularidades

A presidente da Sociedade Teosófica de Adyar, sra. Radha Burnier, foi reeleita para um novo mandato de sete anos, na mais polêmica e controversa das eleições desta Sociedade, desde a sua fundação em 1875.

Os resultados foram anunciados dia primeiro de julho. O norte-americano John Algeo, até agora vice-presidente internacional, concorreu contra Radha Burnier, que está na presidência desde 1980. Os principais apoiadores de Algeo usaram publicamente como seu principal argumento a falsa informação de que Radha não teria recuperado a saúde desde um derrame cerebral leve que sofreu em 2006. Com a lucidez comprometida, ela estaria sendo manipulada por outras pessoas. Criou-se assim uma situação constrangedora, baseada em uma desinformação intencional.

Não é a primeira nem a segunda vez que John Algeo e seus aliados deixam de lado a ética. Em 2003, ele fez uma tentativa de adotar como parte da literatura teosófica antigas cartas forjadas, em que o movimento era atacado por pessoas vinculadas a igrejas dogmáticas do século 19. Embora a Sociedade de Adyar já não trabalhe com a Teosofia autêntica, exceto de modo muito marginal, ela ainda tem (e deve ter) em comum com os teosofistas um sentimento geral de compromisso humanitário, um respeito pela ética e um respeito pelos fundadores do movimento teosófico. É exatamente contra estes valores que John Algeo e sua “corrente política” na Sociedade de Adyar se voltaram, de modo mal disfarçado, há vários anos.

A proposta cética-academicista de John Algeo, que se descreve como um “modernizador”, sofreu uma derrota clara em junho/julho de 2008. Porém o futuro institucional da Sociedade de Adyar continua incerto. O ritualismo leadbeateriano, ilegítimo, já perdeu a força. A ideologia krishnamurtiana, estreita e pobre, não é suficiente para garantir um futuro. No movimento teosófico como um todo, só os ensinamentos clássicos da filosofia esotérica original têm crescido com o tempo, embora lentamente. Ignora-se o que será necessário ocorrer – e quanto tempo será necessário –, para que as lideranças de Adyar resgatem a linha e a filosofia originais de trabalho, se é que isso ocorrerá algum dia.

Os fatos atuais não são animadores: durante a campanha eleitoral de 2008, Edi Bilimoria, um líder de Adyar na Inglaterra, bem conhecido internacionalmente, denunciou a promoção de fraude e desinformação e pediu a expulsão dos responsáveis. Já o comunicado final do comitê eleitoral de 2008 apontou diversas irregularidades durante a votação, promovidas não só pelos apoiadores de John Algeo, mas também pelos apoiadores de Radha Burnier. O Comitê anunciou que decidiu não levar em conta as irregularidades.

